

O segundo erro de René Descartes

Diálogo e criatividade (*)

EMÍLIO SALGUEIRO (**)

I

No dia 13 de Janeiro de 1935, já com quarenta e seis anos de idade, escreve Fernando Pessoa, numa carta a Adolfo Casais Monteiro:

«... lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já não me lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título “O Guardador de

Rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem desde logo dei o nome de Alberto Caeiro.»

Fernando Pessoa tinha, então, vinte e cinco anos, e eis o poema IX do *Guardador de Rebanhos*:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

É íntima a relação que Fernando Pessoa – Alberto Caeiro estabelece entre o corpo e a sensorialidade, entre o corpo e a emoção, entre o corpo e o pensamento. Não há em Alberto Caeiro a dicotomia cartesiana tradicional entre corpo e espírito.

(*) Comentário à conferência de António Damásio «Para uma neurobiologia do inconsciente» apresentada no Colóquio «100 anos de Psicanálise», Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Lisboa, 20 de Maio de 1995.

(**) Psicanalista e psiquiatra.

Há já vários anos que Fernando Pessoa mantinha uma correspondência assídua com Mário de Sá-Carneiro, então em Paris. A ligação epistolar revelou-se de grande importância para ambos, actuando como um espelho reverberante e amplificador das emoções e das ideias, das fragilidades e das forças de cada um deles, das suas criações poéticas e em prosa; talvez esta ligação tenha até ajudado a induzir o «estado de êxtase irrepetível» que Fernando Pessoa atravessou no dia 8 de Março de 1914. Tanto Álvaro de Campos como Ricardo Reis nascem a pouca distância desta data, e por eles manifestou Mário de Sá-Carneiro grande entusiasmo e acolhimento. Fernando Pessoa confidencia-lhe estar convencido ter atingido «o período culminante da minha maturidade literária».

II

É bem conhecida a importância da relação existente entre Sigmund Freud, neurologista em Viena, e Wilhelm Fliess, médico otorrino em Berlim, nos anos oitenta e noventa do século passado, na descoberta e na construção da psicanálise. Esta relação teve, sobretudo, um suporte epistolar, com semelhanças à havida entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro: comunicavam-se descobertas, pediam-se opiniões, confienciavam-se desânimos, reafirmava-se a importância decisiva que cada um tinha para o outro.

Em 1895, com trinta e seis anos de idade, Freud lutava por esclarecer a estrutura das «neuroses de defesa», em particular da histeria e da obsessiva; intuía a importância dos sonhos, e procurava escrever uma *Psicologia para neurologistas*.

Freud descreve períodos febris, de exaltação, acompanhando ou antecedendo de pouco as suas descobertas, e períodos de abatimento, não muito tempo depois. Fliess era o interlocutor decisivo, acolhendo os estados anímicos, sublinhando as inovações, restabelecendo a confiança de Freud nas caminhadas que ele ia empreendendo.

Confidencia Freud a Fliess em 25 de Maio de 1895:

«... um homem como eu não pode viver sem um interesse absorvente, sem uma

paixão intensa – nas palavras de Schiller, sem um tirano. Encontrei o meu tirano e pus-me ao seu serviço, sem limites. O meu tirano é a psicologia; constituiu, desde sempre, o meu objectivo, que só colocava num futuro distante, mas que sentia que me chamava; agora que acertei nas neuroses, tornou-se um objectivo bem mais próximo. Sinto-me dominado por dois projectos: o primeiro é ver o modo como a teoria do funcionamento mental tomará forma se lhe introduzir factores quantitativos, uma espécie de economia da força nervosa; o segundo será extrair da psicopatologia tudo o que possa adiantar para a psicologia normal. Hoje em dia, não é possível chegar a uma teoria geral satisfatória sobre as perturbações neuropsicóticas se não fôr facilmente articulável com ideias claras sobre os processos mentais normais.»

É em estado de exaltação que Freud sonha, com particular clareza, na noite de 24 de Julho de 1895, o que designou como o «Sonho da injeção dada à Irma». No próprio sonho lhe surgiu como que a explicação ou a raiz da compreensão da estrutura e da narrativa do sonho, e da sua ligação com o inconsciente recalcado do próprio sonhador. Numa carta que escreve a Fliess, já em 1900, isto é, no ano em que publicou o seu «magnum opus», *A Interpretação dos Sonhos*, fantasia que na casa onde cinco anos antes tivera o «Sonho da injeção dada à Irma» virá a ser colocada uma placa que dirá: «Nesta casa, em 24 de Julho de 1895, o Segredo dos Sonhos foi revelado ao Dr. Sigmund Freud».

Em fins de Setembro de 1895, e após uma visita que fez a Fliess em Berlim, Freud consegue escrever «de uma assentada» os dois primeiros cadernos do que designou como «*Projecto para uma psicologia científica*». Envia-os prontamente a Fliess, para apreciação, mas confessa não ter sido capaz de terminar o terceiro, onde procurava explicar o *recalcamento*. Alternando entre estados de quase euforia, pela intuição clara de soluções, com outros de quase desespero, por lhe faltar um sentimento de edifício bem acabado naquilo que ia escrevendo, Freud acaba por comunicar a Fliess, em princípios de Novembro de 1895, e em tom sombrio,

ter resolvido «arrumar os escritos sobre o “*Projecto*” numa gaveta... *Revoltei-me contra o meu tirano... sinto-me deprimido e desiludido*».

O «*Projecto*» permaneceu inacabado até ao fim da vida de Freud, e acaba por só ser publicado em 1950. O neuropsicólogo Karl Pribram (1972) considera-o uma obra notável, sobre vários aspectos ainda válida na actualidade.

Freud procurou nele introduzir o conceito de quantidade de energia nos estados psíquicos, baseando-se numa *teoria neuronal*, pressupondo a existência de dois tipos de neurónios diferentes, os phi (Ø), permeáveis à energia, e os psi (Ψ), oferecendo resistência. Distinguiu a existência de um **processo mental primário**, que incluía o sono e os sonhos, e onde a energia psíquica **circularia livremente**, de um **processo mental secundário**, subjazendo às capacidades de raciocínio e de julgamento, e onde a energia psíquica estaria **ligada ou submetida**.

Segundo Didier Anzieu (1986), as intuições sobre a mente que Freud avançou no «*Projecto*» ficaram constrangidas pelas rígidas fundações neurofisiológicas com que procurou dar-lhes consistência e respeitabilidade académica.

O aprofundamento que Freud vem a dar, nos anos que se seguiram, ao **processo mental primário** e à **caracterização do inconsciente** como seu suporte, deriva de se ter decididamente apoiado na *clínica das neuroses de defesa* (1896), na sua *auto-análise* (1897) e no *estudo dos sonhos*, culminando na publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900). Sempre em diálogo criativo com Fliess, vai assumindo uma liberdade imaginativa e conceptual, que até aí não ousara.

III

Na noite de 10 de Novembro de 1619, véspera de S. Martinho, René Descartes, então com vinte e três anos, é atingido por um «estado de entusiasmo», talvez parecido com o de Fernando Pessoa ao criar o Alberto Caeiro, e com o de Sigmund Freud ao intuir o método de interpretação dos sonhos.

Sentindo-se violentamente perturbado, Descartes acaba por ter nessa noite três sonhos sucessivos. Interpreta-os para si próprio, e afirma depois ter adquirido com eles a certeza da sua

vocação filosófica e científica, e de ter intuído haver um acordo fundamental entre as leis da Natureza e as leis da matemática (Wisdom, 1947; Bridoux, 1953).

No **primeiro sonho**, «*surgem-lhe à frente fantasmas que o aterrorizam e de que procura fugir. Sente uma grande fraqueza em todo o seu lado direito, pelo que tem de se inclinar acentuadamente para a esquerda, para se manter erecto. Um vento violento dificulta-lhe ainda mais esta tarefa, e acaba por arrastá-lo e forçá-lo a girar três ou quatro vezes em torno do pé esquerdo, como se de um cata-vento se tratasse. O receio de cair é permanente, mas acaba por ser levado pelo vento para perto do edifício do colégio onde fôra educado. Tenta entrar na capela do colégio para rezar, mas o vento impede-o. Passam algumas pessoas sem dificuldades em se manterem erectas, e Descartes procura resistir contra o vento e deter-se para lhes falar – repara que uma delas tem um melão nas mãos, que talvez lhe seja destinado. Continua a sentir grande dificuldade em se equilibrar, embora o vento tenha amainado.*»

Despertou, então, com uma dor aguda do lado esquerdo. Não sabia bem se estava a sonhar ou acordado, mas temeu que um espírito maligno estivesse a procurar apoderar-se dele. Virou-se para o lado direito e rezou a Deus para que o protegesse do sonho e de todos os males que lhe pudessem cair em cima, como punição pelos seus pecados, que reconhecia serem muitos.

Ao fim de algum tempo readormeceu, e teve o **segundo sonho**: «*ouviu o ribombar terrível de um trovão, que o levou a acordar e a ver o quarto cheio de centelhas luminosas*». Abriu e fechou os olhos várias vezes para chegar a uma conclusão sobre a situação em que se encontrava. Tranquilizou-se e readormeceu, exausto.

E surge o **terceiro sonho**:

«*Ainda com a cabeça agitada, encontra um Dicionário sobre uma mesa, e abre-o achando que lhe seria de grande utilidade. Descobre depois um outro livro, uma antologia de poesia, e o primeiro verso da página que abriu dizia “*Quod vitae sectabor itae?*”, ou, “*Que caminho devo eu seguir na vida?*”.*

*Aparece um homem que não conhecia, e que o leva a ler outro poema que começava com as palavras “*Est et non*”, ou seja, “*É e não é*”. Entretanto, o dicionário tinha desaparecido;*

reaparece, nesta altura, incompleto. Folheia, de novo, a antologia de poemas, mas descobre agora umas pequenas gravuras em cobre, “*en taille douce*”, que o encantam e o levam a não dar importância à desapareição, entretanto ocorrida, do homem e dos livros» (Freud, 1929; Schönberger, 1939).

Descartes começou por interpretar este terceiro sonho, que considerou tranquilizador, «un rêve doux». O dicionário significava para ele todas as ciências combinadas, e os poemas não só a união da Filosofia e da Sabedoria, mas também a ligação da Revelação com o Entusiasmo. «*Que caminho devo eu seguir na vida?*» constituiria um excelente tema para reflexão.

Tudo isto se ajustava de tal modo à sua maneira de encarar a vida que Descartes chega a persuadir-se de que o Espírito da Verdade tinha decidido, através deste sonho, abrir-lhe as portas de todos os tesouros da ciência.

Este último sonho, bem agradável, indicava o que iria ser o seu futuro, o que lhe estava destinado para o resto da vida. Contrastava, assim, com os dois primeiros sonhos, cheios de avisos ameaçadores em relação à sua vida passada, nada inocente aos olhos de Deus.

IV

Descartes foge dos dois primeiros sonhos, onde se sente arrastado por paixões avassaladoras, e em risco de punição divina, ou, talvez, paternal; o terceiro sonho é como que uma enseada amena onde encontra um acolhimento de afectos suaves, quase maternos, no dicionário e na poesia filosofante, isto é, no reino das ideias desapaixonadas.

Aliás, a evolução das suas ideias científicas vai num mesmo sentido de afastamento da insegurança do corpo e das suas emoções, e de refúgio no campo seguro de um pensamento aparentemente auto-suficiente.

Descartes não só decreta uma cisão entre o espírito e o corpo, máquina lamentável que precisa de ser controlada (paixões e sexualidade), *primeiro erro*, como decreta outra cisão entre o pensamento e o mundo exterior, cheio de incertezas, enganos e perigos, *segundo erro*.

Vários autores (Schönberger, 1939; Wisdom, 1947; Eisenbud, 1978) consideram que o trauma

central da vida de Descartes foi a morte da mãe aos treze meses de idade. Morreu de parto, e a criança recém-nascida morreu, também, poucos dias depois. Descartes foi entregue, juntamente com um irmão e uma irmã mais velha, aos cuidados da avó materna e de uma ama. A avó morre tinha ele catorze anos.

Aspectos importantes da biografia de Descartes, assim como traços centrais das suas ideias filosófico-científicas, adquirem um outro relevo à luz destas tragédias precoces.

Sobretudo a morte da mãe, seguramente sentida pela criança como um abandono incompreensível, desencadeador de um estado de agonia psíquica, teria introduzido um elemento irreversível de desconfiança básica na previsibilidade dos outros, da sua presença e do seu retorno, no sentimento de segurança do próprio e da bondade das suas emoções.

Criança de saúde delicada, torna-se a partir dos dezoito anos num solitário e num errante (Eisenbud, 1978). Retirava-se do convívio de familiares e de amigos por períodos longos, em que ninguém sabia do seu paradeiro; isolado, mergulhava no estudo da matemática, ciência perfeita, e da física, em particular da óptica (Schönberger, 1939). Viaja muito pela Europa, mas acaba por se instalar na Holanda, aos trinta e três anos. Aí permanece vinte anos, mas muda pelo menos vinte e quatro vezes de casa e de cidade (Bridoux, 1953; Eisenbud, 1978).

Evitava as relações próximas com as pessoas, mas mantinha uma intensa correspondência, de grande importância para a evolução das suas ideias (Bridoux, 1953), com alguns homens, como o padre jesuíta Mersenne, que o iniciara na Matemática, e com Constantin Huygens, com quem discute a construção de lunetas astronómicas. Mantém, ainda, uma longa correspondência com uma mulher, a princesa Elizabeth da Boémia, com quem filosofa sobre a vida e as paixões; coloca-se numa posição de seu orientador espiritual, mas revela-lhe aspectos da sua própria intimidade de um modo diferente do que alguma vez fez com os homens. A escrita e a troca de cartas permitia-lhe uma forte aproximação das pessoas, mais suportável para ele do que a da própria presença física.

Só se conhece uma ligação sexuada de Descartes com uma mulher, e mesmo essa de curta duração. A mulher chamava-se Helena, terá sido

provavelmente sua serviçal durante algum tempo, e dá-lhe uma filha, Francine, tinha Descartes trinta e nove anos. Esta filha que fica a viver com a mãe, longe do pai, morre aos cinco anos de idade com escarlatina. Descartes afirma ter sentido a dor mais cruel de toda a sua vida – esta morte veio, seguramente, reavivar a ferida da morte da sua própria mãe, e, uns anos depois, da sua avó. No ano da morte da filha morreu, ainda, o seu pai e a sua irmã mais velha (Eisenbud, 1978).

Descartes é um escritor tardio, editando a sua primeira obra, *O Discurso do Método*, seguida por *A Dióptrica*, *Os Meteoros* e *A Geometria*, já com quarenta e um anos, quase vinte anos após os sonhos reveladores da validade das suas intuições e ideias.

Descartes só publica após longas gestações, muitas reflexões apoiadas em trocas de correspondência, e um apurado burilamento do texto, com contenção dos afectos: são textos de grande valor literário, estilístico e mesmo humano, para além do seu eventual valor filosófico ou científico.

V

As primeiras intuições de Descartes sobre a possibilidade de estabelecer *correlações entre números e relações espaciais* datam dos seus dezoito anos. Constrói a sua Geometria Analítica nos vinte anos que se seguem, e, assim, aprende a exprimir quantidades por linhas, e linhas, rectas ou curvas, por expressões algébricas. Com o seu sistema de coordenadas, torna-se possível localizar, com precisão absoluta, as posições e as deslocações de um corpo no espaço (Eisenbud, 1978).

Estas descobertas adquirem um novo significado se as colocarmos contra o pano de fundo das perdas afectivas maciças sofridas por Descartes, verdadeiros abandonos desorientadores, e se reflectirmos, também, sobre o seu deambular peripatético e compulsivo, já na idade adulta, como que procurando activamente encontrar os entes queridos desaparecidos.

Recordemos o seu terceiro sonho, e a descoberta inesperada que faz, já no fim do sonho, e dentro da antologia poética, de pequenas gravuras em cobre, «*en taille douce*», que o encantam.

A técnica da «*taille douce*» implica o desenho numa placa de cobre, de inúmeras linhas curvas, harmoniosamente traçadas, umas em paralelo e outras em entrecruzamentos, de modo a construir, por exemplo, um retrato, que emerge com o tratamento da placa pelo ácido. Descartes fica encantado, isto é, absorvido pela beleza e riqueza afectiva contida na gravura, talvez «*taille de la mère douce*», como Schönberger (1939) avançou. As linhas curvas criam, afinal, qualidade e não só quantidade – sub-repticiamente, o afecto acaba por triunfar...

VI

Segundo André Bridoux (1953), Descartes deu origem às duas principais doutrinas do mundo moderno: o **mecanicismo** e o **idealismo**.

O **mecanicismo** procura explicar todas as coisas pelo seu mecanismo subjacente, sujeito às leis de uma física universal. Todos os componentes de um mecanismo têm extensão e movimento, de que se podem descobrir as leis pela aplicação da razão, liberta dos preconceitos escolásticos; torna-se, assim, possível, prever o seu futuro e ajustar-lhe acções que o modifiquem (Bridoux, 1953).

O corpo também pode ser estudado como um conjunto complexo de mecanismos e, no extremo, as funções do próprio espírito também serão consideradas como mecanismos fazendo parte do corpo.

O **idealismo** afirma o espírito como a primeira realidade e único agente do conhecimento, descobrindo nas coisas os resultados das determinações que lhes impôs. Com o progresso, a ordem matemática – ciência dos «*purs rapports*» – acabará por vir a substituir a ordem física (Bridoux, 1953).

Na realidade, a ciência dos últimos dois ou três séculos, talvez mais «cartesianista» do que o próprio Descartes, tem utilizado algumas das suas ideias de um modo extremado, partindo do axioma de que o espírito humano, com os seus pensamentos, pode empreender o estudo objectivo da realidade, para o que se apoiará no modelo mecanicista. Esta concepção, pressupondo uma diferença radical entre o observador e o observado, revelou-se muito fecunda no campo das ciências exactas, como na física, e mesmo no das

ciências rigorosas, como na biologia, incluindo a parte biológica do homem, mas criou equívocos graves na sua tentativa de compreensão da vida psíquica.

VII

Que terá levado Sigmund Freud a abandonar em 1895 o seu «*Projecto para uma psicologia científica*» no fundo de uma gaveta? Freud intuiu a insuficiência do modelo cartesiano para o estudo da vida psíquica, e a **psicanálise nasce deste abandono do cartesianismo**.

Como sublinha Didier Anzieu (1986), Freud entende não ser possível apreender a essência dos desejos, das fantasias, do recalçamento, da representabilidade e das criações do inconsciente, se não se entrar em **ruptura com qualquer esquema modelado a partir de máquinas-feitas-pelo-homem**.

Com os estudos sobre a histeria, Freud tinha ultrapassado o primeiro erro de Descartes, e o abandono do «*Projecto*» mostra-o a ultrapassar o segundo.

Há uma irredutibilidade essencial do psíquico ao biológico, tal como a música não é redutível ao instrumento que a produz. O psíquico é uma neo-realidade, que emerge de um biológico avançado (Popper, *in* Popper & Eccles, 1981), ou de um corpo emocionado (Damásio, 1994), a que permanece indissolivelmente ligado, mas cuja abordagem científica necessita de um paradigma epistemológico novo, tal como a psicanálise o fez. Paradigma não mecanicista mas sim **interaccionista, inter-subjectivo, com elos de homologia entre o observador e o observado**.

Foi através do estabelecimento de relações afectuosas complexas com os outros, primariamente com os pais, que o psiquismo de cada um de nós se construiu, se desenvolveu e, até, se modificou. *O afecto é a mãe do pensamento*, como diz Matte-Blanco (1988).

A psicanálise, através da instauração de um processo neo-relacional afectuoso complexo entre o psicanalista e o psicanalisado, cria uma nova inter-subjectividade, no ali e no agora de cada sessão, em que procura refazer a caminhada ontogénica, descobrir sentidos, entender conflitos, desfazer cisões, harmonizar afectos e pensa-

mentos, reconciliar o corpo e a mente, trazer unidade aos processos psíquicos.

VIII

Finalmente chegamos ao *Descartes'error – emotion, reason and the human brain*, de António Damásio (1994), que desencadeou as reflexões atrás desenvolvidas: o edifício neuropsicológico nele criado é sólido, desperta entusiasmo e admiração pelo brilho das intuições, pela originalidade das investigações, pela riqueza conceptual mostrada nas conjecturas imaginativas e nas conclusões tiradas.

A criatividade de António Damásio – em diálogo com numerosos outros, talvez, em especial, com Hanna Damásio – alarga claramente o campo da neuropsicologia, ou conduz mesmo a uma neuropsicologia nova, ao mostrar e demonstrar o enraizamento do psiquismo no corpo, sede das emoções; ao valorizar os instintos e a sexualidade; ao avançar com o seu conceito de «*marcadores somáticos*», espécie de memória corporal emocionada, informadora do pensamento, melhor dizendo, constituindo parte intrínseca desse pensamento; ao dar um lugar de destaque aos processos psíquicos inconscientes, verdadeiros alicerces do psiquismo consciente; ao mostrar a inseparabilidade entre afecto e pensamento; ao inserir o corpo e a sua mente no meio socio-cultural onde se desenvolvem; ao insistir no dinamismo de todos estes processos.

António Damásio denuncia, assim, os dois erros de Descartes, escarpelizando, de um modo particularmente incisivo, o primeiro, o da separação entre o corpo e o espírito; mas também, e em relação ao segundo erro, critica, nomeadamente, o simplismo epistemológico contemporâneo de querer reduzir as alterações da vida psíquica a *alterações nas quantidades dos neurotransmissores* – ignorando a estrutura fina dos circuitos e sistemas onde se inserem, as suas acções e interacções com o corpo, com os afectos e com o pensamento, ignora também a «*intervenção poderosa de factores socio-culturais, presentes e passados*», que utilizam e ajudam a modelar e a modular estes sistemas.

António Damásio iniciou uma clara aproximação da neuropsicologia em relação à psicanálise. É muito importante o passo que ele deu, a que a

psicanálise não pode deixar de dar uma resposta empenhada. Diálogos fecundos, de algum modo semelhantes aos havido entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess e entre Descartes e os seus correspondentes – todos dolorosamente fascinados pela ligação entre o corpo e a mente – diálogos fecundos, dizia eu, podem neste momento ser entabulados entre psicanalistas e neuropsicólogos.

Propria uma focagem concentrada sobre o segundo erro de Descartes, no seu querer entender o Eu separado do Tu, ou do Tu separado do Eu, e o Tu e o Eu separado do Nós. Lanço aqui o repto ao António Damásio, para pormos este diálogo em andamento.

BIBLIOGRAFIA

- Anzieu, D. (1986). *Freud's self-analysis*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Bridoux, A. (1953). Introduction et présentation des textes. In *R. Descartes, Oeuvres et Lettres*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Damásio, A.R. (1994). *Descartes' error – Emotion, reason and the human brain*. New York: G. P. Putnam's Son.
- Descartes, R. (1953). *Oeuvres et Lettres*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Eisenbud, J. (1978). Descartes and Shaw: some spatial aspects of object loss. *International Journal of Psycho-Analysis*, 5, 285-296.
- Freud, S. (1895). Project for a scientific psychology. *S.E.* (Vol. I, pp. 281-397). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1887-1902). *The origins of psycho-analysis – Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes*. London: Imago Publishing Company Ltd, 1954.
- Freud, S. (1911). Formulation on the two principles of mental functioning. *S.E.* (Vol. XII, pp. 213-226). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1929). Some dreams of Descartes – A letter of Maxime Leroy. *S.E.* (Vol. XXI, pp. 197-204). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Gaspar Simões, J. (1986). Introdução. In *F. Pessoa – Obra poética*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Matte-Blanco, I (1988). *Thinking, feeling and being*. London: Routledge.
- Pessoa, F (1986a). *Obra poética*. (Vol. I e II). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pessoa, F. (1986b). *Obra poética e em prosa*. (Vol. I – Poesia). Porto: Lello & Irmão Editores.

- Popper, K., & Eccles, J. (1981). *The self and its brain*. Berlin: Springer International.
- Pribram, K. (1972). A neuropsicologia de Sigmund Freud. *Análise Psicológica*, 2 (4), 549-562.
- Quadros, A. (1986). Introdução. In *F. Pessoa – Obra poética e em prosa* (Vol. I - Poesia). Porto: Lello & Irmão Editores.
- Sá-Carneiro, M. (1958/1959). *Cartas a Fernando Pessoa*. (Vol. I e II). Lisboa: Edições Ática.
- Schönberger, S. (1939). A dream of Descartes: reflections on the unconscious determinants of the sciences. *International Journal of Psycho-Analysis*, 20, 43-57.
- Wisdom, J. O. (1947). Three dreams of Descartes. *International Journal of Psycho-Analysis*, 28, 11-18.

RESUMO

O autor procura analisar os dois erros de Descartes (a separação entre o corpo e o espírito, e a separação entre o próprio e o outro) à luz da criatividade poética de Fernando Pessoa, e da criatividade científica de Sigmund Freud. Sublinha a importância do diálogo na construção de ideias novas, coloca o nascimento da psicanálise na recusa feita por Freud dos erros de Descartes, e procura entender estes «erros» à luz de dados biográficos e de três sonhos do próprio Descartes.

Considera importante o facto de que a nova neuropsicologia, que António Damásio (1994) tem vindo a construir, tem em conta o corpo e as suas emoções, assim como o enraizamento dos processos mentais inconscientes no próprio corpo, e propõe o fomento de diálogos frutuosos entre a neuropsicologia e a psicanálise.

Palavras-chave: Diálogos criativos, Erros de Descartes, Nascimento da psicanálise, Neuropsicologia das emoções e dos afectos.

ABSTRACT

The author tries to analyse Descartes' errors (the separation of the mind from the body, and the separation between oneself and the others) under the light of Fernando Pessoa's poetical creativity and Sigmund Freud's scientific creativity. He underlines the importance of the dialogue in the construction of new ideas, puts the birth of psychoanalysis on Freud's refusal of Descartes' errors, and tries to understand these «errors» with the help of biographical facts and three dreams of Descartes himself.

He considers important the fact that the new neuropsychology, that António Damásio (1994) is helping to build, gives its due importance to the body and its emotions, and to the rooting of the unconscious mental

processes in the body itself. Finally, he proposes fruitful dialogues between neuropsychology and psychoanalysis.

Key-words: Creative dialogues, Descartes' errors, Birth of psychoanalysis, Neuropsychology of emotions and feelings.